

A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA COMO ALTERNATIVA METODOLÓGICA PARA O(A) PROFESSOR(A) ALFABETIZADOR(A): EFEITOS E POSSIBILIDADES

Stéfane de Almeida dos Santos ¹
Joseval dos Reis Miranda ²

RESUMO

É no Ciclo de Alfabetização, etapa que compreende o 1º e o 2º ano do Ensino Fundamental, que as habilidades de escrita e leitura das crianças tornam-se cerne do currículo e da prática docente de pedagogos e pedagogas. Nesse sentido, o presente trabalho propõe-se a apresentar a relevância da pesquisa psicogenética da língua escrita como uma alternativa metodológica que contribui significativamente no trabalho do(a) professor(a) alfabetizador(a). Para tanto, o percurso metodológico do trabalho deu-se em dois momentos. No primeiro, apoiamos-nos nos postulados teóricos de Grossi (1990a; 1990b; 1990c), Russo e Vian (2001) e Silva (2019) para descrever o processo de alfabetização, seus níveis e as possibilidades de trabalho pedagógico nessa etapa. No segundo, com o intuito de levantar dados diagnósticos que viessem a servir de ponto de partida para a nossa proposição, realizamos a pesquisa da psicogênese da língua escrita com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Mediante a análise dos dados obtidos, os resultados evidenciaram que das 13 (treze) crianças participantes, a maioria delas concentra-se no nível alfabético, enquanto as demais crianças encontram-se nos níveis pré-silábico II e silábico. Frente a esse painel, propusemo-nos a elaborar sugestões de atividades que se configuram como pertinentes de serem desenvolvidas pelo(a) professor(a) alfabetizador(a) junto aos alunos que possuem o perfil diagnosticado. Portanto, o presente trabalho articula teoria e prática no âmbito da temática sobre a alfabetização, a partir dos efeitos e das possibilidades oriundas da pesquisa psicogenética da língua escrita.

Palavras-chave: Alfabetização. Prática docente. Psicogênese.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de uma experiência acadêmica vivenciada em um componente curricular do curso de Pedagogia vinculado ao Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o qual possibilitou o contato com as discussões teóricas sobre o processo de alfabetização e seus desdobramentos. Além da experiência

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, stefanemp@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutor em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação - UFPB, josevalmiranda@yahoo.com.br.

teórica, a prática também foi possível de ser vivenciada, a partir da realização da pesquisa psicogenética da língua escrita, fundamentada nos postulados de Grossi (1990a; 1990b; 1990c).

A articulação entre a teoria e a prática nos motivou apresentar a relevância da pesquisa psicogenética da língua escrita como uma alternativa metodológica que contribui significativamente no trabalho do(a) professor(a) alfabetizador(a), sendo esse, portanto, o principal objetivo do trabalho. Para tanto, o percurso metodológico realizado deu-se em dois momentos, sendo essa a sequência de abordagem deste trabalho.

Inicialmente, realizamos a análise dos dados que foram coletados por meio da aplicação da pesquisa psicogenética da língua escrita com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, a qual nos permitiu verificar em quais níveis do processo de alfabetização os(as) alunos(as) encontram-se. Em seguida, dedicamo-nos a discorrer sobre o papel do(a) professor(a), bem como a apresentar sugestões de atividades possíveis de serem trabalhadas em cada nível.

METODOLOGIA

A priori, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico para fundamentar a temática em estudo, conforme Prodanov e Freitas (2013) apontam como um passo indispensável da pesquisa. Por conseguinte, realizamos uma pesquisa a qual Gil (2008, p. 27) caracteriza como uma investigação que possibilita uma “visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Para tanto, realizamos a pesquisa psicogenética da língua escrita com uma turma de 1º ano de Ensino Fundamental, com o quantitativo de 13 alunos(as) matriculados, todos da Escola de Educação Básica (EEBAS) vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Como instrumento de coleta de dados, elaboramos e aplicamos um ditado contendo oito palavras e uma frase, sendo duas palavras monossílabas, duas dissílabas, duas trissílabas, duas polissílabas e uma frase contendo uma dessas palavras. A seguir, é possível visualizar as palavras utilizadas no ditado:

Quadro 1 - Sistematização das palavras utilizadas no ditado.

| PALAVRAS MONOSSÍLABAS | PALAVRAS DISSÍLABAS | PALAVRAS TRISSÍLABAS | PALAVRAS POLISSÍLABAS | UMA FRASE |
|----------------------------------|--------------------------------|---------------------------------|----------------------------------|----------------------|
|----------------------------------|--------------------------------|---------------------------------|----------------------------------|----------------------|

| | | | | |
|-----|------|--------|----------|---|
| EU | MESA | PANELA | POLÍTICA | A PANELA DE JOSÉ ESTÁ MUITO SUJA |
| SOL | VACA | MACACO | TELEFONE | |

Fonte: Os autores (2021).

Sobre essa avaliação, é importante mencionar que ela se baseia nos estudos das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky. O Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de pesquisa e Ação (GEEMPA, 1986), a utilização do ditado de palavras como recurso avaliativo diagnóstico junto às turmas em processo de alfabetização configura-se como fundamental, pois “o conhecimento pormenorizado dos níveis pelos quais passa cada criança, durante o processo de aprendizagem de cada conteúdo, constituiu elemento indispensável ao professor [...]” (GEEMPA, 1986, p. 30).

Sabendo disso, é que, após a coleta dos dados diagnósticos junto a turma, realizamos a análise à luz do referencial teórico sobre a temática e, por conseguinte, elaboramos sugestões de atividades viáveis de serem ponderadas na prática docente.

APONTAMENTOS SOBRE A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Para melhor compreender a proposta da presente pesquisa, faz-se necessário elucidar acerca da temática principal, isto é, a Psicogênese da Língua Escrita. Trata-se, portanto, de uma teoria desenvolvida por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, ao passo que foi aprofundada pela autora Esther Pillar Grossi. Em linhas gerais, refere-se a uma pesquisa que tem como público alvo as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental que se encontram em processo de alfabetização, com vistas a diagnosticar e, assim, acompanhar o processo evolutivo de tais crianças no tocante à aprendizagem da leitura e da escrita. Em linhas gerais:

Depreendemos por psicogênese, como sendo processo de compreensão de como cada aluno representa sua escrita, como organiza seu pensamento e que cada código de sua escrita, representa algo, ou seja, possui significados para quem escreve. (SILVA, 2019, p. 38).

Não obstante, salienta-se que adotar a pesquisa psicogenética da língua escrita na prática pedagógica configura-se como um caminho metodológico que contribui significativamente no trabalho dos docentes que atuam no Ciclo de Alfabetização. Em

outras palavras, o diagnóstico das crianças permite que o(a) professor(a) alfabetizador(a) desenvolva um trabalho em sala de aula considerando as características de cada criança, o que possibilita uma adequação das estratégias de ensino. Com isso, será possível conhecer e acompanhar a evolução das crianças, ao promover situações de leitura e escrita em que os seus erros sejam interpretados como “um pré-requisito para chegar ao acerto”. (RUSSSO; VIAN, 2001, p. 28).

Nessa direção, Ferreiro e Teberosky estabeleceram cinco níveis percorridos pelas crianças em processo de alfabetização, sendo eles: a) Nível 1: Hipótese pré-silábica; b) Nível 2: Intermediário 1; c) Hipótese silábica; d) Hipótese silábico-alfabética ou Intermediário II; e) Hipótese alfabética. (RUSSSO; VIAN, 2001). No entanto, convém destacar que, na presente pesquisa, os referidos níveis e suas características não serão considerados fielmente. Isso se justifica pelo fato de que, como mencionado anteriormente, Esther Pillar Grossi dedicou-se a aprofundar a discussão de ambas autoras supracitadas, consequentemente resultando em uma diferente divisão dos níveis. Portanto, a análise e discussão dos resultados atingidos será construída a partir das concepções defendidas por Esther Grossi.

Nessas condições, importa elencar que a referida autora definiu os níveis em: nível pré-silábico, nível silábico e nível alfabético, subdividindo, ainda, o nível pré-silábico em dois níveis: o pré-silábico I e o pré-silábico II, cada um com as suas características. Para Grossi (1990a, p. 51), cada nível “é constituído por um conjunto de condutas, determinado pela forma como o sujeito vivencia os problemas num momento do processo de aprendizagem”. Por esse motivo, é possível compreender que a passagem de um nível para o outro é caracterizada por conflitos e resistências. Daí a importância do professor conhecer as especificidades de cada criança durante a prática alfabetizadora.

Considerando o nível pré-silábico I, a autora destaca que trata-se do momento inicial do processo de alfabetização, em que as crianças utilizam desenhos e garatuja para representar a escrita. Por sua vez, esse nível é definido pela figuração das letras e dos números, uma vez que as crianças escrevem, leem e interpretam apenas imagens ou figuras. Sobre o nível pré-silábico II, Grossi (1990a, p. 55) afirma que é o momento em que as crianças “tem uma visão sincrética dos elementos da alfabetização”. Ou seja, refere-se ao aparecimento dos sinais gráficos, a partir do questionamento sobre a sua forma e função. Nesse caso, as crianças utilizam uma letra para representar palavras inteiras, assim como não há associação entre a pronúncia e a escrita.

Tendo em vista o nível silábico, a autora indica o aprendizado quanto à estabilidade das palavras, a partir do momento em que as crianças compreendem que cada palavra possui uma maneira única e estável de ser escrita, sendo elas com as mesmas letras e sempre na mesma ordem. Assim, estar no nível silábico é, também, estabelecer a vinculação entre a pronúncia e a escrita, e isso se dá por meio da noção de quantidade de sílabas e de sons que possui cada palavra. (GROSSI, 1990b).

Finalmente, o nível alfabético é caracterizado pela “estruturação dos vários elementos que compõem o sistema de escrita”. (GROSSI, 1990c, p. 62). Dessa forma, a criança que se encontra nesse nível começa a diferenciar letras de sílabas e textos, embora ainda esteja centrada na escrita das sílabas. Além disso, o fato de estar no nível alfabético não é quer dizer que a criança está alfabetizada, haja vista que ela ainda “não sabe escrever corretamente, nem do ponto de vista ortográfico nem do ponto de vista léxico”. (GROSSI, 1990c, p. 63-64).

Sendo assim, a contribuição teórica proposta pela autora possibilita compreender a dimensão do trabalho pedagógico necessário ao professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a aplicação da pesquisa psicogenética da língua escrita por meio do ditado de palavras junto à 13 (treze) crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, os dados coletados foram analisados por meio de uma ficha avaliativa que continha as características de cada nível da alfabetização, conforme a teoria de Grossi (1990a). Assim, o registro escrito das palavras do ditado feito por cada uma das treze crianças foi avaliado a partir dessa ficha, o que possibilitou o diagnóstico do perfil da turma.

Com essa avaliação, foi possível fazer o levantamento das crianças que se encontram nos níveis indicados por Grossi (1990a), isto é, os níveis pré-silábico I e II, o nível silábico e o nível alfabético. Das treze crianças que participaram da pesquisa, nenhuma encontra-se no nível pré-silábico I, cinco crianças no nível pré-silábico II, duas crianças no nível silábico e, por fim, seis crianças no nível alfabético. Convém ressaltar que esses resultados se configuraram como ponto de partida para a nossa proposta de elaborar sugestões de atividades possíveis de serem materializadas pelo(a) professor(a)

alfabetizador(a) junto a turmas que possuem um perfil próximo ao que foi diagnosticado, tendo em vista que, como destaca Soares (2017, p. 26):

Conclui-se que, à natureza complexa do processo de alfabetização, com suas facetas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística, é preciso acrescentar os fatores sociais, econômico, culturais e políticos que o condicionam. (SOARES, 2017, p. 26 *apud* SOARES 1985).

Dada a complexidade e a multidimensionalidade inerente ao processo de alfabetização, firma-se as contribuições da pesquisa psicogenética da língua escrita no trabalho docente com as turmas do Ciclo de Alfabetização. Com isso, apoiamo-nos nos postulados de Grossi (1990a; 1990b; 1990c) para apresentar, nos quadros a seguir, uma sistematização de dois aspectos: a) o papel do(a) professor(a) diante de cada nível; b) atividades sugeridas para potencializar a competência de leitura e escrita das crianças.

Quadro 2 – Sugestões de práticas destinadas aos níveis pré silábico I e II

| NÍVEIS PRÉ SILÁBICO I E II | |
|---|---|
| PAPEL DO/A PROFESSOR/A | SUGESTÕES DE ATIVIDADES |
| a) Como mediador, o professor deve se preocupar com ações de leitura e escrita que considere a realidade do aluno, bem como as diferenças de desenvolvimento entre as crianças; b) Destaca-se a influência da afetividade do professor para com o aluno; c) Nesse nível, o professor não deve permanecer promovendo vivências com materiais escritos de forma ordenada. Ele deve, contudo, estimular o contato com todas as letras e com qualquer palavra, com vistas a ampliar o repertório inicial do aluno; d) Salienta-se que “os alunos devem ter espaço didático para realizar pseudoescritas”. (GROSSI, 1990a, p. 118). e) O professor deve priorizar o trabalho com alfabetos móveis, haja vista a importância de corresponder as letras aos sons e aos objetos de ordem espacial; f) O professor deve atentar-se a acompanhar o desenvolvimento de cada criança, buscando sempre diversificar as atividades | 1. Trabalhar com as letras do próprio nome e, partir disso, explorar outras letras, contribuindo para o reconhecimento morfológico e sonoro das letras. Sugere-se, portanto, o trabalho com os Crachás, Bingo das letras, Bingo de palavras e Quebra-cabeça com nomes; 2. Superar as análises silábicas e explorar o número de letras, as letras iniciais e finais, a ordem das letras o tamanho e a posição da palavra; 3. Explorar os aspectos topológicos no traçado das letras por meio de diferentes recursos; 4. Explorar o tratamento da ordem das letras numa palavra. Destaca-se o Jogo de reordenação oral de sílabas; 5. Trabalho com a produção e a apresentação por meio de textos que se relacionem com o cotidiano |

| | |
|--|---|
| <p>e as lições de casa, com vistas a potencializar a aquisição da leitura e da escrita;</p> <p>g) A didática do professor deve contemplar a criação de um ambiente alfabetizador, ao utilizar uma diversidade de materiais que explorem a leitura e a escrita;</p> <p>h) Além disso, cabe ao professor organizar as atividades em sala a partir de uma rotina, uma vez que essa estratégia contribui na estabilidade das aulas e na criação de um bom hábito social;</p> <p>i) Outro elemento da organização pelo professor é referente ao espaço da sala de aula. Ou seja, a forma como as cadeiras estão organizadas e como os materiais didáticos são distribuídos indicam as intenções do professor quanto às relações estabelecidas em sala;</p> <p>j) Finalmente, faz-se imprescindível que o professor promova vivências que contemplem a Matemática, o Teatro, as Artes Plásticas, a Educação Física, a Dança, a Música e a Televisão, entendendo que são caracterizadas como diferentes linguagens, o que permite uma prática interdisciplinar necessária ao trabalho com esse nível.</p> | <p>do aluno. Nesse sentido, pode-se solicitar cópia de partes do texto de maneira que tenha um significado para o aluno;</p> <p>6. Explorar textos verbais e não verbais, articulando, assim, palavras e figuras ou imagens;</p> <p>7. Trabalhar a leitura de histórias, com vistas a “conferir sentido à escrita, impedindo uma aprendizagem mecânica (...)”. (RUSSO; VIAN, 2001, p. 138);</p> <p>8. Salienta-se a elaboração de atividades que utilizem textos e palavras com base no universo semântico da crianças, a partir das vivências em sala;</p> <p>9. Trabalhar algarismos de 0 a 9 junto ao trabalho com o alfabeto;</p> <p>10. Contemplar a oralidade em articulação com a escrita. Esse trabalho pode ser realizado a partir da recontagem e dramatização das histórias trabalhadas em sala. Além disso, destaca-se a criação de histórias pelas próprias crianças, estimulando a criatividade e a capacidade narrativa.</p> <p>11. Trabalhar com as duas apresentações de letras: cursiva e de forma;</p> <p>12. Explorar o glossário-alfabetizador com figuras, pois permite que a criança associe os desenhos aos seus respectivos nomes, funcionando como um dicionário;</p> |
|--|---|

Fonte: Os autores (2021).

Quadro 3 – Sugestões de práticas destinadas ao nível silábico

| NÍVEL SILÁBICO | |
|------------------------|-------------------------|
| PAPEL DO/A PROFESSOR/A | SUGESTÕES DE ATIVIDADES |

- | | |
|---|--|
| <p>a) Nesse nível, o papel do professor é expandido e ele não deve apresentar respostas prontas, mas sim incitar o aluno a pensar e a refletir sobre a forma como está lendo e escrevendo;</p> <p>b) O professor deve estar munido de materiais e atividades que desafiem os alunos desse nível, com vistas a potencializar os conhecimentos já adquiridos na transição do nível pré-silábico para o nível silábico;</p> <p>c) “O planejamento do professor deve incluir tarefas a mais (coringas) para ocupar todos os seus alunos o tempo todo”. (RUSSO; VIAN, 2001, p. 46);</p> <p>d) No momento da correção, o professor não deve assinalar a falta de letra nas palavras, muito menos anular as palavras que não estão escritas corretamente. Pelo contrário, ele deve estimular a reflexão do aluno, para que ele mesmo possa identificar a incompletude ou o possível erro;</p> <p>e) Salienta-se “o ditado para o professor, em que os alunos não só ditam para o professor o que ele deve escrever no quadro, mas como deve escrever. O professor reproduz no quadro tantas maneiras de escrever quantas lhe forem sugeridas por alunos (...)”. (GROSSI, 1990b, p. 151);</p> <p>f) O professor deve, ainda, preocupar-se em explorar o desmembramento oral das palavras, por meio da análise oral do número de sílabas, da troca oral das sílabas nas palavras, dentre outros;</p> <p>g) Assim, quanto ao trabalho com as palavras nesse nível, convém uma “ênfase sobre a análise da primeira letra no contexto da primeira sílaba. Contraste entre palavras memorizadas globalmente e a hipótese silábica.” (GROSSI, 1990b, p. 160);</p> <p>h) Já no trabalho com as letras, cabe ao professor estimular o “reconhecimento do som das letras pela análise da primeira sílaba de palavras”. (GROSSI, 1990b, p. 160);</p> <p>i) No que se refere ao trabalho com os textos, o professor precisa fazer “uso preferencial de textos cujo conteúdo já está memorizado de antemão, para leitura”. (GROSSI, 1990b, p. 160);</p> | <ol style="list-style-type: none"> 1. Explorar atividades de vinculem a letra ao som, assim como pronuncia a escrita; 2. Atividades que permitam “completar palavras quando lhes falta a primeira letra”; 3. Atividades que apresentem as letras iniciais e estimule o aluno a escrever palavras a partir de tais letras; 4. Atividades de ligar, isto é, ligar desenhos à primeira letra do seu nome; 5. Atividades que permitam o aluno analisar o número de letras em palavras; 6. Aplicação de Ditados de palavras e frases; 7. Utilizar fichas para completar os alfabetos correlacionando os dois tipos de letras: cursiva e de forma; 8. Utilizar o Bingo das letras isoladas; 9. Utilizar o Bingo de iniciais de palavras; 10. Explorar textos que sejam previamente memorizado pelas crianças, a exemplo das letras de músicas, enredos de brincadeiras, para que eles possam acompanhar o texto escrito. |
|---|--|

j) Por fim, é imprescindível que o professor estimule a escrita silábica dos alunos, além de criar situações de questionamento e reflexão frente ao que foi escrito e/ou lido por elas.

Fonte: Os autores (2021).

Quadro 4 – Sugestões de práticas destinadas ao nível alfabético

| NÍVEL ALFABÉTICO | |
|---|---|
| PAPEL DO/A PROFESSOR/A | SUGESTÕES DE ATIVIDADES |
| <p>a) Planejamento com ênfase na interdisciplinaridade;</p> <p>b) Enriquecer o ambiente com materiais escritos;</p> <p>c) Desenvolver atividades que estimulem a fonetização de cada sílaba da palavra;</p> <p>d) O professor deve diversificar atividades, bem como diversificar “a natureza do enfoque visado”;</p> <p>e) Cabe ao professor “propiciar aos alunos oportunidades para vincular as duas ações – a de ler e a de escrever”. (GROSSI, 1990c, p. 58);</p> <p>f) “Deixemos os alunos explorarem o mais possível o mundo das palavras, das frases, dos textos e das letras, incentivando-os a deles extraírem o máximo de conhecimentos por conta própria, e só entrarmos com a sistematização clássica se ela se apresentar como necessária, e da forma mais construtiva possível”. (GROSSI, 1990c, p. 118);</p> <p>g) O professor deve continuar trabalhando com os alfabetos variados, desafiando ainda mais a leitura e a escrita dos alunos neste nível;</p> <p>h) Nesse momento, o professor deve adotar abordagens ortográficas, sempre interpretando os erros como construtivos;</p> <p>i) É de responsabilidade do professor “encorar os alunos a refletirem sobre a pronúncia para pensar a escrita.”;</p> <p>j) Na leitura e produção de textos, “o critério de inclusão de palavras é o do interesse</p> | <ol style="list-style-type: none"> 1. Jogo da classificação seguindo o número de sílabas; 2. Trabalho com as barrinhas em cores, criado por um pedagogo belga; 3. Elaborar atividades com ênfase nas mais diversas formas de explorar a sílaba; 4. Atividades que permitem a manipulação do dinheiro; 5. Atividades que explorem a separação silábica das palavras; 6. Priorizar produções textuais pelas crianças, individualmente e coletivamente; 7. Promover a escrita de cartas, bilhetes, cartões e a confecção de jornal potencializa a escrita da criança; 8. Trabalhar com a reorganização de frases nos textos, colocando-as na ordem correta; 9. Trabalhar com os nomes dos alunos da classe, comparando a escrita e a pronúncia dos nomes; 10. Explorar as famílias silábicas de forma lúdica e assistemática, ampliando o repertório silábico das crianças no momento da escrita de frases e textos; |

| | |
|---|--|
| delas para os alunos e não a sua simplicidade ortográfica”. | |
|---|--|

Fonte: Os autores (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao exposto ao longo do trabalho, fica evidente a dimensão e a complexidade inerente à prática pedagógica do(a) professor(a) alfabetizador(a), sendo essa a principal reflexão resultante da experiência investigativa aqui apresentada. Com isso, a proposta investigativa aqui apresentada teve dois momentos, os quais estão inter-relacionados, sendo eles: o estudo e discussão do aporte teórico para analisar o resultado da pesquisa psicogenética da língua escrita, bem como a elaboração de sugestões de atividades pedagógicas ao docente.

É importante pontuar, ainda, que este estudo possibilitou compreender a relevância de conhecer e se apropriar da temática sobre a Psicogênese da Língua Escrita, uma vez que, enquanto estudantes de Pedagogia, o campo de atuação contempla o Ciclo de Alfabetização (1º e 2º ano do Ensino Fundamental), o que requer um preparo docente para trabalhar com esse público. Além disso, as discussões aqui levantadas foram imprescindíveis na aquisição de novos saberes necessário à prática alfabetizadora. Por esse motivo, consideramos como de extrema importância o conhecimento do docente quanto aos níveis psicogenéticos, bem como as suas características. Isso porque não existe turmas homogêneas em termos de desenvolvimento cognitivo e aprendizagem, o que conseqüentemente demanda do(a) professor(a) a realização de um diagnóstico psicogenético de cada criança, antes de inseri-la no processo de alfabetização.

Nessas condições, há que se concordar que apesar da prática alfabetizadora ser considerada um caminho árduo, compreendemos que a Pesquisa Psicogenética pode e deve ser utilizada como recurso metodológico, com vistas a garantir um trabalho condizente e significativo às especificidades e ao perfil diagnóstico de cada criança. Assim sendo, ficou nítido que para a realização de uma prática docente significativa, faz-se necessário, sobretudo, o planejamento. Portanto, a utilização da pesquisa psicogenética da língua escrita só tem a somar no trabalho pedagógico, haja vista se tratar de uma alternativa que possibilita o levantamento de informações que permitem conhecer, diagnosticar e acompanhar o desenvolvimento da turma no processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

- GEEMPA. **Alfabetização em classes populares**. 2ed. Porto Alegre: Kuarup, 1986.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.
- GROSSI, Esther Pillar. Didática dos níveis pré-silábicos. In.: GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990a.
- GROSSI, Esther Pillar. Didática do nível silábico. In.: GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990b.
- GROSSI, Esther Pillar. Didática do nível alfabético. In.: GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990c.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- RUSSO, Maria de Fátima. VIAN, Maria Ines Aguiar. Alfabetização como processo cognitivo. In.: RUSSO, Maria de Fátima. VIAN, Maria Ines Aguiar. **Alfabetização: um processo em construção**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- SILVA, Marcela de Meneses. **Avaliando o desenvolvimento da escrita da criança por meio da psicogênese: contribuições para o processo de alfabetização**. João Pessoa, 2019. 91 f. Monografia (Graduação), UFPB/CE.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo. Contexto, 2017. *E-book*.